

Coluna do Castello

Em busca do sonho perdido

Enquanto o bloco suprapartidário de apoio ao governo não vem, o bloco dos dissidentes do PMDB se organiza, saúda os circunstantes e pede passagem. O enredo do bloco, que tomou a forma de um manifesto, atrairá a adesão de cerca de 90 deputados e senadores, um terço dos quais já anunciou, formalmente, seu desligamento do partido. Os desfilantes pretendem romper com o governo e com o comando do PMDB, lutar pelas eleições presidenciais em novembro próximo e criar no futuro uma nova legenda.

Os destaques do bloco escovam suas fantasias. Sairão, alguns, de guerrilheiros bons de gatilho que no passado enfrentaram, sem medo, o autoritarismo dos governos militares. Outros irão de ferozes nacionalistas, desencantados com a rendição do governo do presidente José Sarney ao modelo econômico recessionista do Fundo Monetário Internacional. Haverá, sem dúvida, os nostálgicos do parlamentarismo, inconformados com o sistema de governo mantido pela Constituinte.

O bloco exibirá, por fim, destaques desgarrados ou enxotados de outros blocos. Dificilmente outra agremiação será capaz de reunir em sua comissão de frente biografias tão limpas e elegantes como as que reunirá o bloco dos *históricos* do PMDB. O desfile, afinal, será aberto por estrelas do porte de Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro, Waldyr Pyres, Rafael de Almeida Magalhães e Fernando Lyra. O problema do bloco estará atrás.

Sabe-se que não é fácil organizar partidos de verdade em um país das dimensões do nosso e com a nossa rala tradição partidária. Siglas existem muitas, para todos e para gosto nenhum, da federação presidida por Ulysses Guimarães ao balcão de negócios explorado em São Paulo por um cidadão que tem o vulgo de *Marronzinho*. O ex-MDB formou-se à base de elementos emprestados de última hora pela Arena para cumprir a cota estipulada pela legislação da época.

Tancredo Neves usou toda a força de sua liderança para extrair o PP do PMDB. Ao PMDB retornou impelido pela insensatez do governo que vinculou os votos de cima a baixo. O bloco que imagina virar partido mais tarde enfrentará o obstáculo do calendário que prevê eleições municipais neste ano e que poderá prever eleições presidenciais em 1989. Que fazer? Assumir-se, desde já, como novo partido ou permanecer dentro do PMDB mais um pouco? Eis a questão.

Uma ala do bloco gostaria de pôr o partido na avenida antes mesmo que fossem confirmadas as eleições municipais previstas para novembro — antes, até, se possível, da conclusão da Constituinte. O senador Fernando Henrique Cardoso lidera a ala dos apressados. O defeito do senador é que ele vê disco voador. Vê e diz que viu. Certa vez, a bordo de um avião que transportava, também, o cardeal Aloísio Lorscheider, o senador e outros passageiros observaram um foco de luz intenso no céu.

O foco de luz mudava de cor e de direção a uma velocidade surpreendente. O cardeal preferiu dormir em sua poltrona a ver qualquer coisa. O senador desembarcou admitindo, sem receios que, de fato, havia visto um disco voador. Agora, enxerga sem embaraço algum o êxito de uma legenda que se ofereça, desde já, como opção a um eleitorado frustrado com o fisiologismo do PMDB que preferiu os cargos e a acomodação ao programa de reformas que o levou ao poder.

Covas, o senador José Richa e o ex-governador Montoro, líderes da ala dos mais prudentes, acham melhor aguardar o fim da Constituinte e a legislação que regerá as eleições municipais para pôr o partido na rua. Ele ocupará, com certeza, um espaço à esquerda do PMDB — um espaço que está hoje congestionado pelas presenças do PT, do PDT, do PSB e dos partidos comunistas em geral. O novo partido terá que encontrar seu lugar dando cotoveladas de um lado e do outro.

Terá que desfilar com um projeto para o país que o distinga, nitidamente, dos concorrentes. Não será fácil. De resto, se ultrapassar todos os empecilhos e se formar, levará muito tempo ainda para livrar-se de sua vocação de América do campeonato partidário — o segundo time de muitos cariocas que não ganha um campeonato há décadas. Será um partido, conforme reconhecem alguns dos seus inspiradores, para arrebanhar de oito a doze por cento dos votos em uma eleição presidencial.

Valerá a aventura? A esquerda não marxista é movida a fortes doses de indignação cívica com a miséria e os descaminhos dos governos. Marcada por uma certa religiosidade, é capaz de arriscar a própria pele na defesa do que julga serem os interesses do país — mas tem sido incapaz de formular um projeto que viabilize a consecução dos interesses em conflito. O partido que ora se esboça imagina perseguir o sonho que o PMDB pragmático abandonou pelo meio do caminho.

Inútil

O senador Marco Maciel resiste mas, pressionado pelos que lhe são próximos, acabará mais uma vez se compondo com o presidente José Sarney. A aventura da dissidência do PFL está liquidada.

Ricardo Noblat (Interino)